

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## Breve, nos cinemas

Quase todo mundo tem uma história sobre um filme inesquecível ou uma experiência emocionante no escurinho do cinema, entre uma pipoca e um drops de anis. Eu, pessoalmente, trago poucas lembranças cinematográficas da infância, meus pais não deviam ser fãs de cinema. Além de “Branca de Neve”, que, mesmo criança, achei uma chatice, recordo ter visto “Help”, dos Beatles, inúmeras vezes. Gostava das cenas de neve nos Alpes e de quando eles saíam da mesma casa, cada um por uma porta. Não sei explicar o porquê, mas dava gargalhadas. Gostaria de ter frequentado as famosas sessões da meia-noite programadas por Fabiano Canosa no Cine Paissandu. Mas era pirralha e jamais poderia sair sozinha nesse horário.

Mais tarde descobri os Rolling Stones e gostei dos filmes “Gimme shelter” e “Sympathy for the devil”. Também apreciava curtas de surfe a que assistia projetados na casa de amigos. A maioria trazia trilha sonora dos Stones. Transitava numa boa nessas praias.

Não sou especialista, mas tive a oportunidade de participar da seleção de filmes brasileiros da exposição “O desejo da forma” (curadoria de Luiz Camillo Osorio), trazendo a Berlim pela primeira vez cópias em 35mm de “O anjo nasceu”, de Julio Bressane; “O Bandido da Luz Vermelha”, de Rogério Sganzerla; e “Triste Trópico”, de Arthur Omar. Graças às salas de arte, mostras, festivais e retrospectivas, há chance de assistir em Berlim a filmes do Brasil de difícil acesso, raridades e produções atuais que poucas vezes entram em circuito comercial por aqui. Das produções recentes (desde 2005), apenas seis entraram em cartaz no país: “Cinema, aspirinas e urubus”, “Tropa de elite”, “Antônia” e as coproduções “Ensaio sobre a cegueira” e “Birdwatchers”. Mais recente é o filme “Do começo ao fim”, que entrou em circuito em setembro.

Graças também a uma fiel audiência, os *Programmkinos*, salas dedicadas a filmes de arte e aos clássicos, conseguem se manter ao longo do ano. Um bom exemplo é o Lichtblick Kino, em Prenzlauer Berg. Seus donos podem se orgulhar. A sala de 32 lugares está geralmente lotada. O Lichtblick é administrado por um coletivo que celebra Luis Buñuel todos os anos, no seu aniversário, 22 de fevereiro. Woody Allen, Godard e Pasolini são temas de mostras com frequência. Mas a grande atração do Lichtblick é “Casablanca”, apresentado há anos, aos sábados, à meia-noite.

Ilda Santiago, diretora do Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro, esteve em Berlim recentemente apresentando 17 filmes na II *Première Brasil*, realizada na Casa das Culturas do Mundo. Ilda conhece em Berlim principalmente as salas que exibem os filmes da Berlinale. Ela faz menção ao Zoo-Palast, no bairro de Charlottenburg, que era nas suas primeiras visitas o epicentro do Festival: “A primeira vez em que vim a Berlim, em 1998, tudo girava em torno da Kudamm, era por ali que tudo acontecia e o legal era ficar por ali mesmo.” Para ela, o cinema Urania lembra o Estação Botafogo. “Ambos são referências de cinema de arte e atraem público cinéfilo do tipo que vai ao cinema e fica para discutir o filme. Os dois inspiram algo de tribo, de seita, como se todos ali partilhassem algo especial.”

Ilda também “morre de pai-

xão” pelo Volksbühne, onde viu filmes de F.W. Murnau. Com clima de uma Alemanha antiga, o teatro costuma ter sessões especiais. Em 2007, “Berlim Alexanderplatz”, de R. W. Fassbinder, com quase 17 horas de duração, foi mostrado em cinco blocos, das 10h às 2h45m da manhã seguinte. Também muito apreciado como local para estreias de filmes alemães, o Volksbühne foi em 2010 a sede do Interfilm, o Festival Internacional de Curtas de Berlim.

Existem cerca de 60 salas de cinema na capital. Não estão incluídos auditórios de instituições, cinemas ao ar livre e locais que ocasionalmente passam filmes. Seriam muitos mais. Pequenos e grandes, cada qual com a sua trajetória. O cinema mais antigo da cidade é o Movimiento, fundado por Alfred Topps em 1907. Este cinema mudou de nome várias vezes, mas foi nos tempos de Tali, nos anos 70, sob o comando de Manfred Salzgeber,

que a sala foi transformada em um dos primeiros cineclubes da Alemanha e logo ganhou fama dentro e fora de Berlim. Localizado no bairro alternativo de Kreuzberg e com programação centrada no melhor cinema de au-

tor internacional, o Tali foi durante anos ponto de encontro da cena artística.

Nos anos 80, já com o nome de Movimiento, o diretor Tom Tykwer, na época com 22 anos, foi contratado como programador do cinema. Foi também no Movimiento que os diretores e futuros parceiros de Tykwer, Stefan Arndt, Dani Levy e Wolfgang Becker, se encontraram e fundaram a empresa X-Filme, produtora de “Corra, Lola, corra” e “Adeus, Lenin”.

No topo da lista estão ainda os cinemas Delphi, o mais clássico de todos, com cartazes pintados à mão na fachada, e o Arsenal, em Potsdamer Platz, o centro da Cinemateca Alemã e ponto de encontro dos cinéfilos. O Babylon Mitte também é referência: ali acontece sempre em dezembro a mostra Volta ao Mundo em 14 Filmes, com destaques dos festivais internacionais. Na última edição, “Viajo porque preciso, volto porque te amo”, de Karim Aïnouz, teve sessão apresentada por Wim Wenders. Não menos importantes são os inúmeros pequeninos cinemas de bairro e *Kinobars* que funcionam em porões, oferecendo filmes normalmente fora de cartaz. O Downstairs, por exemplo, com salinha de 28 lugares, fica pertinho aqui de casa e outro dia mesmo vi “Moon” num clima caseiro. Aos domingos, há o Eat the Film, *brunch* com um filme incluído no preço. Se bobear, dá para ir até de pijama.

### Há chance de assistir em Berlim a filmes do Brasil de difícil acesso

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso